



O corpo estendido, com o fato esfrangalhado, cheio de sangue, foi descoberto, manhã já de sol alto, por uma mulher que apanhava trapos nos montes de lixo do Parque Eduardo VII, Na carteira, o bilhete de identidade, um cartão de sócio do Sporting, outro de fiscal das obras da auto-estrada. Arranhaduras no frontal, um dedo espalmado, sinais de que antes do golpe profundo que lhe atingira o coração houvera luta. Joaquim Ferreira era treinador do Sporting. Substituíra Szabo, a troco de 1800 escudos por mês. Tinha 46 anos.

A morte envolvia-se de mistério. Vivia com a mulher, Ofélia, num quarto alugado, na Calçada do Lavra, mas, por vezes não dormia em casa. Tinha fama de aventureiro. Talvez por isso se suspeitasse de crime passionai. Ou de vingança por «negócios obscuros», porque, durante a Guerra, constara que vivera de expedientes mais ou menos perigosos. Ou então, de armadilha montada pelo «bando dos arreventas» que infernizava o Parque, a coberto da noite, para roubos violentos, atraindo as vítimas através de mulheres que seduziram na Avenida...

No bolso levava pouco mais de 450 escudos. Desapareceram. Como desapareceu um anel de ouro que comprara por 1280 escudos e que ainda pagava a prestações. Alguns dias depois, dois jardineiros tentaram vender, numa taberna da rua de S. Marta, os seus próprios óculos, acabando interceptados pela Polícia. Mas, o mistério perdurava...

A Polícia apertou o cerco ao «bando dos arreventas». Prendeu vários, durante uma sesta na mata do Lumiar, nas traseiras da Musgueira. Um deles, Manuel António dos Santos Duarte, sofria de perturbações mentais. Fugira da Mitra para o Parque. Fora preso e solto e ao Parque regressara. Deu-se como assassino, para que o prendessem e, na prisão pudesse ter comida e dormida. Ensarihou-se em contradições durante os depoimentos, a Polícia de Investigação Criminal não o levou a sério, anotando apenas um desabafou: que antes do crime vira Joaquim

Ferreira com um «magala»...

O «magala» e os inconfessáveis afins

A polícia Militar entrou em acção. E julgou estranhas as contusões no ventre que, durante o banho, apresentara o soldado João Jorge, madeirense a prestar serviço no Batalhão de Caçadores 5. Tudo se deslindou quando na sua mala se descobriu o anel de ouro de Joaquim Ferreira. Preso, confessou. Preso ficou. Dez dias após o crime, a polícia de Investigação Criminal limitou-se a anunciar o desfecho do caso, adiantando apenas que Joaquim Ferreira «estava longe de ser um homem digno e de tudo se ter passado em virtude de rixa entre ambos, que se encontraram no parque para os inconfessáveis fins que levaram ao crime». Tudo o resto está ainda hoje no segredo dos deuses. E estará.

A glória da Taça nos pés de Jesus

Joaquim Ferreira fora dos mais brilhantes jogadores portugueses da década de 20, formando parilha, na Selecção e no Sporting, com Jorge Vieira. Da equipa nacional foi apeado por Carlos Alves, avô de João Alves, que, como ele, jogava de «luvas pretas». O seu estilo calmo e inteligente de jogo foi a razão do convite para treinador do Sporting.

Um mês antes da facada fatal, ganhara a Taça de Portugal, contra o Olhanense. Fora um jogo polémico, saldado por um único golo, apontado por Jesus Correia. Abraão, o guarda-redes, jurou que antes do remate que o desfeiteara, o avançado apanhara a bola fora de campo. Os sportinguistas viveram um dia de euforia, com a época salva com aquele pontapé. O herói, para além de Ferreira, fora Jesus Correia, que, espantado, à saída das Salésia, recebeu uma nota de 50 escudos, outra de 100 e duas cautelas da lotaria. Por acaso era jogo branco, mas poderia não ter sido.

In abola.pt